

CIDADE, PESQUISA E OUTRA(S) POSSIBILIDADE(S) PARA UMA AGENDA EM CONSTRUÇÃO

Lisandro Pezzi SCHMIDT¹

RESUMO

Vários são os arranjos que envolvem o estudo da urbanização, da cidade, da responsabilidade social e as plataformas que exigem inovação de como pensar e agir em parcelas do território. Numa perspectiva que abrange diferentes dimensões, as discussões resultam de um método qualitativo e exploratório, promovendo conexões e possibilidades da complexidade de se pensar combinações de análise e leitura dos eventos, estendida para a cidade. Todavia, não há estratégia operacional padronizada e modelos de abordagem com o fim de produzir conhecimento e inovação. O esforço da reflexão, a mudança na forma de pensar e agir, principalmente, na prática docente e no processo de apreensão da realidade exige a formação contínua de profissionais engajados no processo de construção do conhecimento mediante outros comportamentos para uma atuação mais ampla e significativa.

Palavras-chave: Trabalho. Inovação. Prática docente. Direito à cidade.

¹ Doutor em Geografia pela UFSC, Mestre e Bacharel em Geografia pela UEM e Licenciado em Geografia pelo Centro Universitário Franciscano. Docente do Departamento e Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, em Guarapuava-PR. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Políticos e Análise Urbano-Regional (UNICENTRO) e pesquisador do Grupo de Estudos Urbanos (GEUR/UEM).
Georgiá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, v. 13, n. 2, p. 74-89, 2021
ISSN 2175-862X (on-line)

CITY, LEARNING AND OTHER POSSIBILITY(S) FOR AN AGENDA UNDER CONSTRUCTION

ABSTRACT

There are several arrangements that involve the study of urbanization, the city, social responsibility and the of platforms that require innovation in how to think and act in parts of the territory. In a perspective that covers different dimensions of analysis, the discussions result from a qualitative and exploratory method, promoting connections and possibilities of the complexity of thinking about combinations of analysis and reading of events, extended to cities with different functionalities. We emphasize that there is no standardized operational strategy and pre-defined models of approach in order to produce knowledge and innovation. The effort of reflection, the change in the way of thinking and acting, mainly in teaching practice and in the process of apprehending reality, requires the continuous training of professionals engaged in the process of building knowledge through other behaviors for a broader and more meaningful performance.

Keywords: Job. Innovation. Teaching practice. Right to the city.

1 INTRODUÇÃO

Dentre os aspectos em curso no país como as mudanças ocupacionais e nas relações de trabalho, as indefinições quanto a transição nos modos de vida antes e, sobretudo, pós pandemia, exigem amplas e complexas discussões sobre a cidade.

Mediante a flexibilização das leis, da fiscalização e das parcerias entre grupos hegemônicos levam a crer que os padrões de convivência frente as oportunidades, dado o caráter concorrencial, estão em ritmos diferentes para as cidades. Esses aspectos somados a outros elementos que passam pela mudança no padrão de vida urbana, sugerem a revisão quanto as diferentes formas e interpretações para o saber, tendo como ponto de partida perspectivas para o processo de aprendizagem.

Quanto a realidade brasileira, Brandão (2019) enfatiza que o patrimônio científico acumulado/desenvolvido presente no país apresenta as seguintes ideias força e conceitos chave: um postulado de existência constitutiva de uma divisão inter-regional (espacial ou territorial) do trabalho; a presença inerente de heterogeneidades estruturais (sociais, produtivas, culturais e regionais) marcantes no contexto periférico dependente; a conformação de estilos de desenvolvimento muito particulares; a necessidade de examinar e tomar as hierarquias interescares e as relações centro periferia como bastante rígidas; entre outros.

Observamos, assim, a frequente narrativa nos meios acadêmicos e nas organizações públicas e privadas que reúnem ensino e pesquisa de modo a incentivar a cultura da inovação, seja para gerar monopólio do conhecimento, seja para despertar interesse de um ou mais indivíduo ou de grupos, somadas as ideias força e conceitos chave elencados por Brandão (2019).

Ao mesmo tempo em que há princípios de autonomia visando o alcance do conhecimento, é ainda persistente a elaboração de ferramentas e práticas que possam ser úteis ao reconhecimento da cidade, do mercado, do trabalho como o exercício de investigação e reflexão, momento de intensas discussões da passagem da era analógica para a era digital e da substituição de recursos humanos pela inteligência artificial.

Passa a ser necessário, então, pensar qual o sentido da cidade, das forças e das representações? como no espaço se observam as mudanças estruturais, sociais e simbólicas adotadas e em curso?

Pelo exposto, Cholley (1964, p.139) destacou: "existe realmente uma realidade geográfica, um domínio geográfico, que pode ser definido e delimitado". Essa afirmação do

autor aponta que a Geografia toma a própria combinação como objeto de seu estudo, delimitando os caracteres e as razões da convergência dos elementos que compõem a repartição ou a frequência de uma combinação.

Nesses propósitos, é relevante destacar que nos deparamos com a necessidade para ultrapassar a compreensão convencional, os limites frequentes que são intrínsecos da natureza do objeto estudado da Geografia, o que não a deixa distante das possibilidades de torná-la prática, marcante e comprometida a fim de participar das estratégias e decisões para uma ou mais localidades.

Nesse contexto, a prática docente exige alternativas e recomposições no modo de pensar e agir, na concepção e no que se torna desafiador para tornar mais atrativo o modo de apropriação do conhecimento.

As discussões apresentadas resulta de um método qualitativo e exploratório, combinações e apontamentos, conexões e possibilidades da complexidade de se pensar a cidade, a inovação e o trabalho de investigação.

Longe de supor que há uma ou mais respostas ao conhecimento empírico e técnico, a reflexão limita-se destacar que há elementos postos e a partir de interesses locais que fazem reforçar a cultura da participação e da colaboração na construção do conhecimento.

Das proposições iniciais, surgem as seguintes questões: como estamos desenvolvendo nossas frentes de ação para a cidade e quais contribuições mediante novos elementos participam da construção e das possibilidades de aplicação do conhecimento?

O artigo ressalta a necessidade para ações, reúne discussões entorno dos sujeitos, dos grupos e das organizações voltados a identificar, manifestar e sugerir respostas diante das demandas emergentes. Ressaltamos que há limites das abordagens discutidas, pois, qualificar qualquer que seja o tema e questões que tratam da cidade, podem ser retomadas a partir da experiência e do nível de interpretação do investigador/educador.

Para efeito de apresentação o artigo está estruturado, nas considerações iniciais, seguido do que intitulamos como combinações e leitura dos eventos, transições e permanências; apresentamos dimensões e indicações para associar ações em busca do conhecimento e por último, as considerações finais.

2 COMBINAÇÕES E LEITURA DOS EVENTOS, TRANSIÇÕES E PERMANÊNCIAS

Observa-se que as condições de trabalho e das relações atuais em curso nos diferentes contextos abrigam os mais diversos pontos convergentes e divergentes que levam a redefinir, num curto prazo, a leitura e caracterização quanto as intenções das ações públicas, privadas, individuais e coletivas.

As combinações e leitura dos eventos em todas as escalas passam pelos arranjos que envolve o estudo da urbanização, da responsabilidade social e dos acontecimentos como plataformas que exigem inovação de como pensar e agir em diferentes parcelas do território.

As diversas e inesgotáveis formas de produção e consumo apontam a necessária compreensão dos motivos por que a gestão para a cidade e para o campo estão atrasadas, principalmente quando se percebem problemas intensos e que demandam esforços para a tomada de decisão e, ao mesmo tempo, aspectos mais relevantes que expõem a organização da sociedade e identificação das ações contraditórias no espaço. Nesse sentido, na compreensão de elementos e arranjos no âmbito do urbano, como enfatiza Ferreira et al (2012, p.129) “no permanente exercício de pesquisa, é preciso que a realidade seja analisada sob vários aspectos”,.

Num contexto mais amplo, Harvey (2005) cita que o processo de urbanização estabelece certos arranjos institucionais, formas legais, sistemas políticos e administrativos e hierarquias de poder. O autor destaca a existência de certa tensão entre forma e processo, entre objeto e sujeito, entre atividades e "coisas", sendo que as "coisas" estão sempre em transformação. As atividades do urbano são instáveis, impondo que se observe o dinamismo das relações na ordem teórica e prática. Dessa forma, partem as discussões e o que é possível de alcançar numa reformulação propositiva na forma de pensar.

Ademais, lembram Moura, Oliveira e Pego (2018, p. 43):

Os efeitos da urbanização ocorrem de modo distinto em cada região, correspondendo a diferentes escalas ou tempos de um mesmo processo. Seus resultados dependem “das condições históricas e das possibilidades de mudanças que se criaram” (...). São processos políticos, sociais e econômicos que alteram as relações e o jogo de forças, criando novas hierarquias, funções e papéis às cidades, que justificam estudos urbanos contínuos e constante monitoramento e adequação de políticas urbanas e regionais. O território em sua totalidade entrega-se a diferentes impulsos, expressando em suas morfologias e em suas condições econômico sociais essas diferentes escalas da urbanização. Cada porção do território, cada configuração espacial sob transformação, compondo a diversidade do urbano brasileiro, requer políticas e ações adequadas ao perfil de sua população, de sua conformação espacial e natureza.

Em outro ponto, quanto aos aspectos que envolvem a gestão pública e as forças produtivas levam a crer que há elementos materiais e imateriais que são determinantes para a gestão e o fazer na cidade. Nesse particular, Randolph (2007) enfatiza a realização e a forma participativa e democrática do planejamento (urbano e regional) que em países da América Latina, na qual é vista como expressão de resistência contra o enfraquecimento do Estado promovido pelas reformas neoliberais nos anos noventa do último século e expressão de fortalecimento de uma nova relação entre sociedade e Estado, fato claramente identificado no Brasil.

Os eixos para rediscutir em diferentes níveis de aprendizagem as questões sobre a cidade envolve entender o momento das articulações em todo o território nacional aproximando novas reflexões.

Paralelamente, no que se refere a política urbana contemporânea, observam-se decisões e estratégias seguindo o rito de recuperação das "ilhas de prosperidade", juntamente aos empreendimentos com forte poder de atração e investimentos (*shopping*, condomínios residenciais, unidades de recreação, bares, restaurantes, entre outros). Fato amplamente tratado por Harvey (2005), pode-se afirmar que a transição do modernismo de base urbana para o pós-modernismo, com relação ao *design*, às formas culturais e ao estilo de vida, também está conectada à ascensão do empreendedorismo urbano e muito próxima das ações recentes dos governos locais, na medida em que acompanhamos outras ideias força que buscam garantir oportunidades e negócios.

A cidade é para as pessoas, ainda que existam certas dúvidas como é a apropriação pelos diferentes segmentos sociais. Dentre as combinações possíveis de se perceber a cidade para pessoas, seguindo o pensamento de Gehl (2013), o aumento na qualidade do ambiente externo serve como estímulo para as atividades opcionais e aumento gradativo das atividades sociais. A partir das sugestões de Gehl (2013) atividades necessárias, atividades opcionais e atividades sociais estão integradas e devem ser sistematicamente identificadas. Para Gehl (2013, p. 21): "planejamento e projetos podem ser usados para influenciar o alcance e o caráter de nossas atividades ao ar livre. Convites para uma atividade ao ar livre que vá além de uma simples caminhada incluem proteção, segurança, um espaço razoável, mobiliário e qualidade visual". Incluem-se, a inclusão de outras leituras e aplicações, ou seja, a produção de informação e, assim, diretrizes para a política urbana com vistas a promover a participação.

Diante de tais reflexões, destaca Souza (1997, p. 47):

A tarefa do cientista não é, em última análise, propriamente simplificar o real, mas sim torná-lo inteligível, operando com imagens e modelos suficientemente poderosos e não subestimando as dificuldades de se definir os constructos, a fim de que nossa representação da realidade não seja drasticamente empobrecida e distorcida.

Considerando as colocações de Souza (1997) o enfoque da atividade de pesquisa, constituído pela necessidade (determinidade) junto ao acaso (a contingência, o inesperado) são definidores da dinâmica do mundo real. Entender as relações sociais presentes, o papel dos sujeitos, das instituições e das organizações que dão sentido a vida urbana passam a adquirir ainda mais importância.

Na velocidade das mudanças estruturais e, sobretudo, direcionadas para produzir sinergia entre os atores e tentativas de produzir identidade nos locais, observamos com nitidez sujeitos e representações preocupados em desenvolver projetos, buscar respostas, resolver problemas e, sobretudo, redefinir estratégias operacionais em caráter de urgência no âmbito da cidade.

Desse modo, a emergência para conexões e estratégias para produzir conhecimento, junto aos interesses para o desenvolvimento de competências e habilidades, tal como nos avanços, distorções e perspectivas para ressignificar o modo de ensinar e agir, tem levado as ciências, de um modo geral, a repensar estratégias que possam garantir a sua existência. Nessas condições, emergem possibilidades para o exercício profissional e a busca de aproximar inovação da prática docente e criação de situações que participam do processo de aprendizagem.

3 NA DIREÇÃO DOS DESAFIOS: CONEXÕES E POSSIBILIDADES

A lógica da acumulação presente nos diferentes estudos e perspectivas que correspondem a produção do espaço, amplamente discutida por Lefebvre (1991, 1999, 2001), indica que ainda estamos longe de assumir a total compreensão dos desafios e da identificação das mais variadas questões do cotidiano.

Todavia, cumpre observar, conforme Lefebvre (2001), de que a cidade tem um código de funcionamento centrado ao redor de instituições, na municipalidade com seus serviços e seus problemas, com seus canais de informação, suas redes, seus poderes de decisão. Ainda para Lefebvre (2001, p. 61): "sobre este plano se projeta a estrutura social, fato que não exclui os fenômenos próprios à cidade, a uma determinada cidade, e as mais diversas manifestações da

vida urbana". Nessa direção, vale destacar o que se tem perdido na cidade e como o espaço está sendo equipado e não equipado, enfim, o que está visível e não visível.

Nessa perspectiva, para ilustrar as discussões, é possível acompanhar na Figura 1 as amplas questões que envolve a sustentabilidade urbana. As consequências econômicas, sociais, políticas, ambientais, administrativas e culturais merecem atenção, a tal ponto que repetir instrumentos e técnicas de abordagem repetidas em outras escalas não serão suficientes para ir além dos aspectos qualitativos informados.

Considerando a Figura 1, os procedimentos analíticos na pesquisa e no ensino devem partir dos registros, das consequências e proposições as quais deverão ser ampliadas. Dessa maneira, como indica Lefebvre (2001), a cidade tem a capacidade que faz dela um conjunto significativo, cuja ordem distante se projeta na ordem próxima, onde ocorre um sincretismo, impondo, assim, significações e sentidos que passam a ser percebidos pelos valores dados e representados na cidade.

Advertem Moura, Oliveira e Pego (2018) deve-se superar a distinção urbano/não urbano, que durante muito tempo ancorou a epistemologia da pesquisa urbana, para desenvolver uma nova visão da teoria urbana. A valorização de pontos específicos e dos detalhes para maior integração no ensino e na pesquisa como perceber quais são os investimentos em políticas públicas permite o acompanhamento do movimento das pessoas, valoriza tendências para novos espaços e estabelece diretrizes para apropriação coletiva e das perspectivas da sustentabilidade urbana. Outros aspectos estão associados como a compreensão dos direitos universais, da qualidade do *habitat* urbano, dos espaços de circulação e, não apenas, como resultado dos investimentos aleatórios em saneamento.

As redefinições das funções do Estado, sem esquecer da velocidade para processos de privatização que não deixa transparecer como a utilidade das ações podem melhorar a vida das pessoas, devem oferecer o desenvolvimento para novas ideias propositivas e pactos que permitam aproximar o pensamento crítico das intervenções legais. Encontramos como suporte a ampliação dos procedimentos o conceito de Metodologias Ativas, visto que na interação poderá provocar situações, tal qual apresenta Berbel (2011, p.28):

As metodologias ativas têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor. Quando acatadas e analisadas as contribuições dos alunos, valorizando-as, são estimulados os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento, além da persistência nos estudos, entre outras.

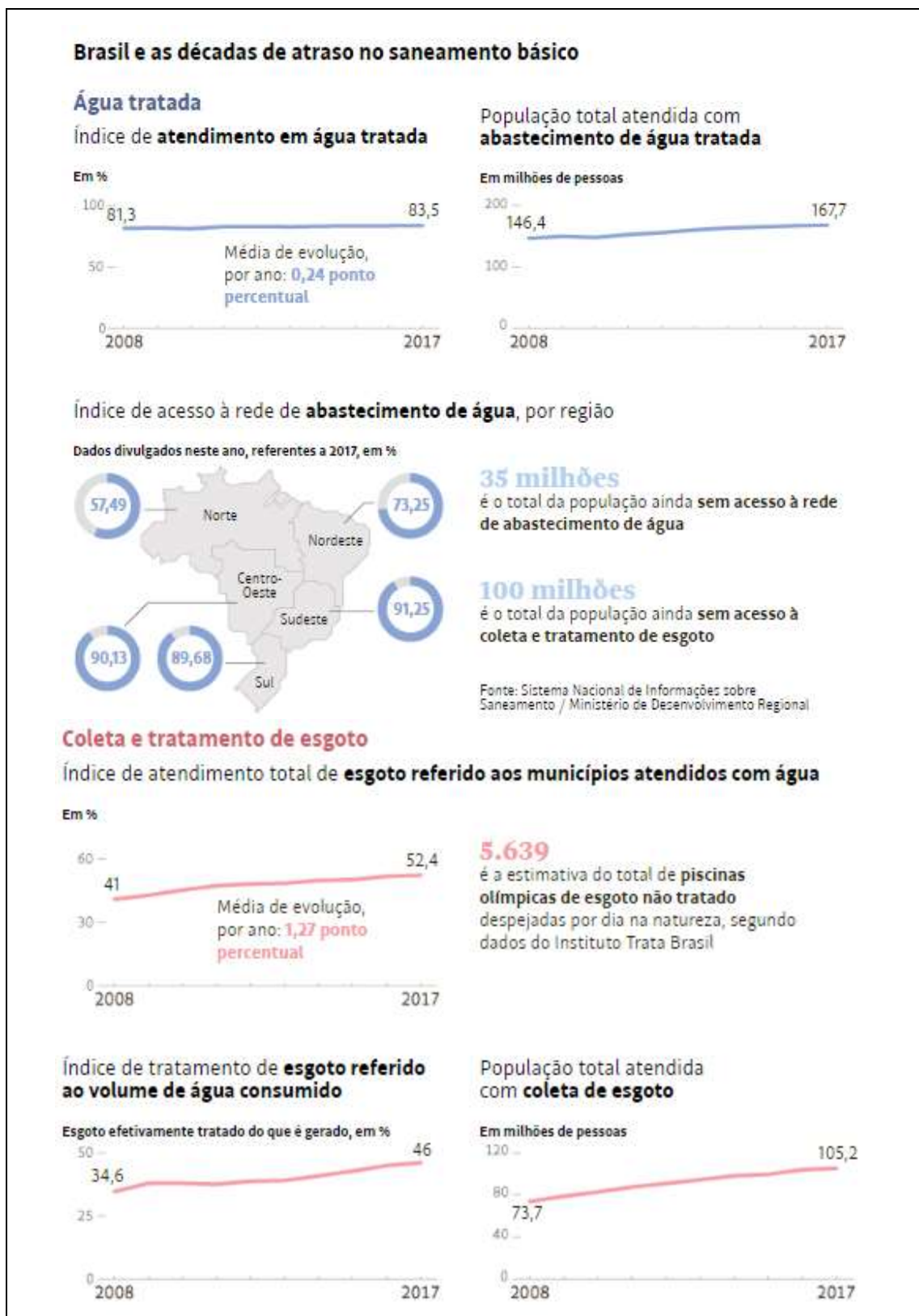


Figura 1: Informações sobre o saneamento básico no Brasil (2019)

Fonte: Cancian; Ladeira (2019)

Além disso, efeitos variados com a utilização de novas tecnologias devem ser acompanhados para além do crescimento econômico e do rápido resultado. Nas contribuições de De Negri (2018), encontramos que a difusão de tecnologias está positivamente relacionada com alguns fatores quando se projeta a capacidade de usar novas tecnologias: capital humano (educação); grau de abertura de um país e adoção de tecnologias anteriores. Dessa maneira, o capital humano (educação) ainda é o principal pilar para qualquer que seja a possibilidade de crescimento humano. Assim, a relação entre o despertar para elementos novos que surgem nas contribuições coletivas, requer um processo contínuo de formação e que possa ser cada vez mais integrado pelos diferentes níveis de formação, de modo a permitir o engajamento das situações-problema, na resolução dos conflitos e na adoção de novas práticas que podem e devem estar associadas ao uso de tecnologias nos ambientes de aprendizagem.

É importante salientar que demandas atuais indicam a necessidade de um pensamento em busca do pluralismo de ideias e de práticas, a fim de tornar a atuação profissional com o compromisso de colaborar para a tomada de decisões diante das inúmeras questões que envolvem o estudo urbano, com destaque a responsabilidade social e o compromisso com a cidadania. Nessa ótica, para Harvey (2006, p. 189):

Como o capitalismo foi (e continua a ser) um modo de produção revolucionário em que as práticas e processos materiais de reprodução social se encontram em permanente mudança, segue-se que tanto as qualidades objetivas como os significados do tempo e do espaço também se modificam. Por outro lado, se o avanço do conhecimento (científico, técnico, administrativo, burocrático e racional) é vital para o progresso da produção e do consumo capitalistas, as mudanças do nosso aparato conceitual (incluindo representações do espaço e do tempo) podem ter consequências materiais para a organização da vida diária.

A inserção de outras concepções que procuram mostrar a organização do espaço e como os agentes participam das estratégias locais, precisam ser tratadas com maior atenção pelo pesquisador/educador que deve assumir o papel e atuar de forma prática, retomando, ao mesmo tempo, a teorização e compreensão dos processos de ordem socioespacial. Portanto, o ecletismo metodológico, chama atenção Espíndola (2018), que acompanha distintos períodos do estudo de Geografia, carecem também de conteúdo filosófico, de conteúdo metodológico e do aprofundamento de significado.

Nessa perspectiva, a diferenciação socioespacial no período contemporâneo, de acordo com Sposito (2014, p. 127) é de uma “crescente ampliação das relações econômicas em escala internacional, mediadas por novos sistemas técnicos e, principalmente, por práticas políticas e

interesses de grupos econômicos, o que exige ampliar a escala de compreensão das ações e dos fluxos que as revelam e as sustentam”. Assim, a ampliação da discussão para diferentes realidades enseja a comparação e acompanhamento de processos em que os instrumentos políticos e ideias reconfiguram espaços.

Com base nas reflexões apresentadas, reúnem-se elementos e articulações, a saber: **Sujeitos** - contempla identificar a solidariedade e a criatividade; **Representação** - quais influências e como participam das decisões e como estão envolvendo-se nas causas para solução dos problemas locais, criando oportunidades; **Compartilhamento** - dos objetos disponíveis pelos sujeitos e representações com vistas a antecipar ações, investimentos, produzir projetos inovadores.

Todas as discussões resultantes da captura das informações, merecem ser refletidas a fim de identificar quem será privilegiado em todo o processo, se haverá maior equilíbrio para as finanças públicas e quais benefícios gerados aos menos assistidos. Enfim, boas práticas e lições somente serão entendidas se admitirmos as possibilidades existentes em qualquer fenômeno que envolva investigação no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, as motivações a luz dos acontecimentos na cidade devem passar pela leitura e compreensão das informações disponíveis, discussões, ponderações, problemas evidenciados, alternativas para solução, experiências vividas e o meio circundante de cada indivíduo.

Dessa forma, assumimos a mediação entre reproduzir conteúdo e promover a aventura em outras possibilidades na compreensão das questões urbanas: desenvolvimento de projetos individuais e coletivos; estudo de caso (a institucionalização das Leis Municipais); comparações; situação-problema e pesquisa colaborativa.

Resumidamente, como destaca Berbel (2011), é necessário garantir e, conseqüentemente, conquistar resultados desejados na direção da autonomia dos alunos, quer dizer, os alunos é que problematizam a parcela da realidade associada ao foco do estudo, selecionam um dos problemas para estudar e buscam uma resposta ou uma solução para ele. Considera-se a realidade concreta para aprender com ela e para nela intervir, em busca de soluções para seus problemas, sendo que a participação do aluno se dá no exercício do aprender fazendo. Ao professor, conforme Berbel (2011) cabe conduzir o processo metodologicamente, sendo a relação teoria prática constante e a vivência desse caminho metodológico pelos alunos permite-lhes a construção de conhecimentos, levando a entender que o processo se completa com algum grau de intervenção. O empoderamento permitirá reflexões, animações que aliam

experiência e conhecimento. Intensifica as discussões sobre trabalho, oportunidade e, sobretudo, a responsabilidade social. Demais técnicas, como observação fazem com que o raciocínio passa a ser efetivado interagindo com a cultura e desperta o debate e a reflexão.

Das críticas ao pensamento convencional e pouco ilustrativo, em estudos e pesquisas que reproduzem estilos de abordagem e interpretações limitadas, buscamos chamar atenção para o necessário pensamento e prospecções que tornem alternativas e alcance das ações efetivas e coerentes com resultados rápidos.

Espíndola (2018, p. 59), por sua vez, aponta que nos últimos trinta anos emergiram problemas na ciência geográfica como ramo do conhecimento humano, para além do abandono aos clássicos da geografia e às contribuições. Os problemas destacados são: 1) um militantismo exacerbado; 2) uma forte angústia da influência (muitos geógrafos negam as suas influências passadas que fizeram parte da sua trajetória intelectual); 3) a arrogância pequeno-burguesa dos professores e alunos; 4) o abandono da solidariedade e da generosidade; 5) o abandono do espírito crítico, com a utilização de discursos aparelhados e compromissados com órgãos de fomentos e instituições, via apadrinhamento e jogo de interesses; 6) a submissão e aceitação passiva da completa precarização do seu trabalho; 7) o congelamento e a absolutização das categorias analíticas; e, por último, 8) o relativismo dos discursos pós-modernos.

Diante de tais pontos destacados, seria então necessário rever e rediscutir o que foi e vem sendo construído pela produção geográfica e das suas relações com o plano da aplicação. Trata-se de esforços para superação dos limites que devem atribuir significados pelas imposições aceleradas pelos discursos e narrativas e que implicam no avanço das políticas voltadas ao desenvolvimento urbano.

Qualquer que seja a ação, não será passível sem existir cooperação. Para algumas ideias desenvolvidas, registramos os seguintes pontos:

- estímulo do trabalho em Rede, não há como atribuir total significado a uma abordagem se não considerar o caráter multidisciplinar das questões;
- permitir a apreensão de experiências, promovendo a capacidade de desenvolver a noção de empreendedorismo associada a busca da justiça social;
- assimilar outros recortes espaço x tempo para avaliar políticas públicas, a inclusão, as oportunidades e onde não há oportunidade;
- retomar e estimular a mobilização social e a motivação para iniciativas inovadoras;
- é preciso atentar-se para o fato de como está ocorrendo o movimento das diferentes representações que participam da reprodução da cidade;

- jamais abandonar as correntes teóricas e toda evolução dos estudos urbanos e como se conectam com diferentes níveis de formação;
- o que ensinamos sobre as cidades e como ensinamos para estimular um espaço coletivo e permitir esquemas para ação;
- aprimorar como estamos desenvolvendo competências e habilidades para resolver problemas emergentes.

Do ponto de vista de uma sociedade urbana e das alternativas com respostas rápidas aquilo que pensamos e efetuamos como agente da construção não só do pensamento, mas da ação efetiva individual e coletiva, o conflito político e sistematicamente construído pelas forças contrárias ao pensamento crítico e construtivo não deixarão de existir e, portanto, cabe a superação dos obstáculos já percebidos e vivenciados como resposta da ciência.

Nessa direção, em defesa das amplas conexões do modo de explorar o levantamento das informações e do raciocínio, queremos assim, ampliar os recursos daquilo que parece se manter a tanto tempo, ou seja, para além do discurso preponderante e pouco ilustrativo para inovação.

Para além da formação profissional, as múltiplas possibilidades elencadas servem para preparar a tomada de decisão, promovendo a aproximação da teoria x prática e criar oportunidades resultantes do engajamento de cada indivíduo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As possibilidades e os ciclos no processo de conhecimento que aqui poderiam ser entendidos pela investigação - intervenção - prática profissional, apontam a necessária compreensão dos temas diretamente ligados aos interesses da sociedade, dos desdobramentos com resultados de projetos, de ações contínuas e do exame geral sobre as indicações legais e em construção para uma certa realidade.

Retomando as ideias de Souza (1997), a busca de interações complexas e em sua crítica construtiva sobre teorias do desenvolvimento, "o desafio, é fácil perceber, é múltiplo, e não simples: não apenas o desafio de abrir-se ao novo, mas o de discernir as múltiplas raízes desse novo, relativizando assim a sua novidade" (SOUZA, 1997, p.82). Nesse raciocínio, o autor ainda afirma: "afinal, somente as próprias ciências sociais poderão definir o que, em seu âmbito,

caracteriza a 'complexidade'- vale dizer, a singular complexidade do seu objeto inconfundível, a sociedade" (SOUZA, 1997, p. 82).

Portanto, a pluralidade do pensamento e o despertar para "o novo" somente será alcançado, havendo também, o reconhecimento e mesmo que relativo, de que o prestígio e os novos horizontes serão construídos pela nitidez da informação e do conhecimento construído de forma a permitir integração e inovação.

É preciso dar mais sentido ao reconhecimento da vida urbana e das relações nos municípios face a reestruturação produtiva, passa pelo reforço das interpretações das categorias analíticas que compõem a análise geográfica e, o que tem incentivado outras novas práticas, como decorrentes de formas de apropriação do espaço público.

Não há uma estratégia universal, mas temos que assumir um papel de protagonista em todo o processo, atingindo o máximo das dimensões associadas aos valores locais e em parcerias. Promover uma agenda conjunta com diferentes áreas de conhecimento, por meio de projetos multidisciplinares, fomentar discussões para temas transversais e complementares a natureza dos conteúdos de cada disciplina, atividades de campo multidisciplinares, seriam composições para novas estratégias que reúnem trabalhos técnicos, discussões e desdobramentos que podem servir para formação de habilidades e competências e do campo de trabalho durante a formação.

Uma resposta imediata é relacionar tudo que se percebe da cidade, como as construções, os investimentos técnicos e temporários, o enfoque quanto as intenções e percorrer outras trilhas no conhecimento, como tentativas de operacionalizar conteúdos diversos que dão ritmo as propostas dos agentes, dos grupos e das organizações.

Enfim, o que queremos salientar é a necessidade de se pensar a cidade e o urbano nos moldes de adaptações necessárias e emergenciais. Passa pelo espírito crítico dentro das instituições e, sobretudo, com novas formas de engajamento junto as demandas, quer seja, produzindo ainda mais informação, orientação, comprometimento em produzir instrumentos de capacitação e atualização para quem tem menos acesso.

Mesmo que diante de intensas dificuldades que ultrapassam para muitos a existência e a importância do fazer acadêmico, não se encerram as discussões e limites de possibilidades para outras preocupações. O conjunto das razões apresentadas salienta a necessária retomada dos aspectos teóricos, metodológicos, ilustrativos e argumentações para outras tendências mais amplas, buscando inovar a concepção e dar resposta a complexidade do saber sobre a cidade e o urbano. Salientamos a necessidade para que conscientemente possamos rever nossas posições,

interpretações e estabelecer diálogos, a fim de produzir conexões, aprender com a experiência e permitir múltiplas possibilidades da aplicação do conhecimento.

5 REFERÊNCIAS

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v.32, n.1, p. 25-40, jan/jun 2011.

BRANDÃO, Carlos Antônio. Mudanças produtivas e econômicas e reconfiguração territorial no Brasil no início do Século XXI. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. São Paulo, v.21, n.2, p.258-279, mai/ago, 2019.

CANCIAN, Natália; LADEIRA, Pedro. Mantido ritmo, Brasil vai atrasar em 30 anos meta de saneamento universal. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 out. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/10/mantido-ritmo-brasil-vai-atrasar-em-30-anos-meta-de-saneamento-universal.shtml>> Acesso em: 29 de junho de 2020.

CHOLLEY, A. Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. **Boletim Geográfico**, ano XXII, n.179, CNG/IBGE, mar/abr 1964.

DE NEGRI, Fernanda. **Novos caminhos para a inovação no Brasil**. Wilson Center, Interfarma – Washington, DC, 2018. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180615_novos_caminhos_para_a_inovacao_no_brasil.pdf> Acesso em: 29 de junho de 2020.

ESPÍNDOLA, Carlos José. Considerações sobre a Geografia: muita estrela, pouca constelação. In: ANDRADE, Aparecido Ribeiro; SILVA, Clayton Luiz da. **Geografia e formação do geógrafo: desafios e possibilidades de leitura do mundo hoje**. Guarapuava: Unicentro, 2018. p. 45- 65.

FERREIRA, Aparecida de Jesus; SCHIMANSKI, Edina; BOURGUIGNON. A triangulação como recurso metodológico na pesquisa social. In: BOURGUIGNON, Jussara Ayres; OLIVEIRA JUNIOR, Constantino Ribeiro de. **Pesquisa em Ciências Sociais: interfaces, debates e metodologias**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2012. p.129-150.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Editora Annablume. 2005.

_____. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2006.

LEFEBVRE, Henry. **The Production of Space**. Trad. D. Nicholson Smith Oxford: Basil Blackwell, 1991.

_____. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MOURA, R.; OLIVEIRA, S.; PEGO, B. **Escalas da urbanização brasileira**. Texto para Discussão (IPEA), V. 2372, p. 1-56, 2018.

RANDOLPH, R. Potencial e limitação do planejamento participativo: reflexões sobre a superação da “colaboração” pela “subversão”. **Anais do XII Encontro Nacional da ANPUR**, ANPUR: Belém/ Pará, maio de 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. A Expulsão do paraíso. O "Paradigma da complexidade" e o desenvolvimento socioespacial. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.43- 87.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.) **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 123- 145.

Data de recebimento: 29 de abril de 2020.

Data de aceite: 16 de janeiro de 2021.